



APRENDIZAGEM PAUTADA NA AFETIVIDADE: E A GEOGRAFIA ONDE ENTRA NESTA DISCUSSÃO?

LEARNING BASED ON AFFECTIVITY: AND THE GEOGRAPHY WHERE DOES THIS DISCUSSION COME IN?

Vanessa Manfio – UFRGS – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil
nessamanfio@gmail.com

RESUMO

A afetividade é essencial no ensino-aprendizagem. O aluno se desenvolve participando de um jogo de relações mútuas entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-conteúdo. E no bojo destas relações deve existir a empatia, a tolerância, o respeito e a atenção ao outro, como um sinônimo de motivação e de interesse em superar as várias lacunas da educação. E a Geografia na sua crise contemporânea necessita fazer parte do circuito de afetividade, supor o ensino pautado nas relações sociais que são infinitas e se inserem no espaço. Para isto, este artigo propôs discutir sobre o ensino, afetividade e a geografia escolar, buscando reconhecer qual a importância da afetividade para a aprendizagem. Para vencer este objetivo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, conduzida por uma rica revisão de literatura que permitisse alcançar a preposição da abordagem e contribuir com os pensamentos e análise sobre a educação, especialmente o aprender a Geografia em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Afetividade. Geografia escolar.

ABSTRACT:

Affection is essential in teaching-learning. The student develops by participating in a game of mutual relations between teacher-student, student-student, student-content. And in the midst of these relationships there must be empathy, tolerance, respect and attention to the other, as a synonym for motivation and interest in overcoming the various gaps in education. And Geography in its contemporary crisis needs to be part of the affectivity circuit, suppose teaching based on social relations that are infinite and are inserted in space. For this, this article proposed to discuss teaching, affectivity and school geography, seeking to recognize the importance of affectivity for learning. In order to overcome this objective, bibliographic research was used, conducted by a rich literature review that would allow to reach the preposition of the approach and contribute with the thoughts and analysis about education, especially the learning of Geography in the classroom.

Key-words: Teaching-learning. Affectivity. School geography.

Introdução

A educação brasileira, nos últimos anos, vem passando por momentos de grandes instabilidades, seja no campo institucional, na pesquisa ou na prática didática. Os alunos apresentam falta de interesse em frequentar a escola, pois, em alguns casos, se sentem parte excluída da mesma. Dessa forma, quando vão à escola não respeitam o professor e nem a instituição. O ensino tornou-se um desafio para os professores e demais agentes educacionais, havendo uma revisão de teorias e sentidos da educação.

Pensar o ensino de um sujeito é algo muito grandioso, requer uma reflexão sobre propriedade intelectual, mecanismos de ensino e, sobretudo, a cumplicidade entre educador e educando. É um processo despretensioso, complexo e suscitador de inúmeras discussões. Uma destas dúvidas que acometem os profissionais da área é como ensinar os alunos? Será que ser um docente rígido educa mais do que um professor afetivo? Qual é a relação entre ensinar e aprender? Entre Professor e aluno?. São tantos questionamentos que se propõe aqui dialogar sobre a afetividade e a educação.

Para enriquecer as discussões foi utilizado o recurso de pesquisa bibliográfica, buscando analisar leituras feitas por pesquisadores da área de ensino. Para Gil (2008, p. 44), a pesquisa bibliográfica "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Portanto, este tipo de pesquisa "explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos" (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 55). Dessa forma, pontua-se alguns autores que serão a base da discussão proposta: Chalita (2001), Fernandez (1991), Frozza (2007), Libâneo (1994), Magalhães (2011), Morin (2002), Rossini (2012), Rego (2003), Castellar (2000), Kaercher (2002), Wallon (1975), entre outros.

Espera-se com este trabalho contribuir com as discussões sobre educação, trazendo novos olhares para o ensino da atualidade. Pensa-se que o afeto e o respeito devem prevalecer no ambiente escolar e este deva ser conquistado com base numa relação de proximidade entre professores e alunos, numa parceria diária.

O PROFESSOR, A AFETIVIDADE E O ENSINO

Na educação, o professor tem um papel essencial. O educador é a alma da educação, o mestre que acompanha o desenvolvimento cognitivo e intelectual do aluno (CHALITA, 2001). Ele é o sujeito capaz de aferir um movimento de aprendizado. Neste ponto, Rossini (2012, p.44) coloca que “nos dias de hoje, o professor deve ser um “líder”. Deve saber que liderança não se impõe se conquista”. Logo, um professor é responsável por produzir um bom encontro na sala de aula, uma boa relação entre seu público e consigo mesmo, captando ideias, emoções e saberes (SPINOZA, 2009).

Para Libâneo (1994, p, 252), “(...) um professor eficaz se preocupa em ministrar e orientar a atividade intelectual dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito ativo, consciente e autônomo.” Logo, “o ambiente da escola pode-se constituir num dos espaços fundamentais aos seres humanos exercitarem as práticas de emancipação individual e coletiva” (FREIRE, 2007, p. 98). Como também, “A perspectiva para a educação não deve servir apenas para orientar o indivíduo, mas sim para entendê-lo como um ser criador e construtor” (NIETZSCHE, 2008, p. 339). É, necessária, então, uma educação libertadora, autêntica e com um ensaio nos anseios e emoções dos alunos para que seja comprometida com a formação dos alunos.

Cabe ressaltar que docência é uma tarefa difícil, requer uma construção para além daquela que acontece em sala de aula. O professor cria sua aula, a partir de experiências, de técnicas, de saberes e de relações conjuntas com os alunos. E trabalhar com o outro requer uma balança com pesos e medidas, pois nem sempre agrada a todos e é interpretada a mesma maneira por todos. Há quem não compreende a postura do professor em sala de aula, seja esta afetiva ou não. Contudo, a arma mais funcional na educação pode ser a afetividade, especialmente porque o docente é um mediador da aprendizagem e, para isto, precisa agir de forma a valorizar esta, por meio de ações e atitudes que estimulem os seus alunos. Como Leite e Tassoni (2000, p. 20) afirmam,

[...] as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhida, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

Ademais, as relações entre os sujeitos da educação são um pontapé inicial para um momento mais dinâmico e rico em sala de aula. Conforme Libâneo (1994) diz que, a relação professor e aluno é uma condição favorável à aprendizagem, porque dá sentido ao aprendido. Ressalta ainda Korzenievski e Karpinski (2019, p.5) “A relação entre professor e aluno baseada na afetividade e na empatia deve ser construída no dia a dia dos mesmos, através do diálogo, do afeto e da empatia, pois o aluno deseja ser ouvido, ser amado, ser “visto””. Em síntese, Korzenievski e Karpinski (2019, p.4) completam,

Na relação entre professor e aluno, ambos podem vir a construir diferentes sentimentos um pelo outro, isso só vai depender do modo que eles se correlacionam. A relação de afetividade que o professor desenvolve com seu aluno é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo/intelectual de ambos.

Não há, então, educação sem relação entre os sujeitos, e para que a relação aconteça da melhor maneira é necessária à afetividade, a troca, a compreensão e comprometimento de todos. Daí reside em pensar que o professor por meio da afetividade terá uma propriedade de estancar as crises escolares e melhorar a formação dos indivíduos. Assim, “Precisamos “cultivar” cérebros emocionalmente e afetivamente melhores para que os indivíduos se tornem homens socialmente competentes” (FREITAS; PEREIRA, CALHEIRO JÚNIOR, 2013, p.68). Dessa maneira, é importante pensar o afeto na educação. Será possível educar com afeto?

AFETO NA EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

A abordagem sobre afetividade no ensino pode parecer um tema muito discutido, mas não esgotado em possibilidades de se ler e escrever, pois na atualidade é ainda um assunto que suscita dúvida, discussões e enfrentamento. Nas palavras de Freitas, Pereira e Calheiros Júnior (2013, p. 68), “A educação emocional e afetiva é um desafio que perdura há séculos e que precisa ser colocado em prática”. Hoje, vê-se a

falta de respeito entre os sujeitos da educação, existem muitos bullying, seguidos de violência nas escolas e daí reside novamente o reforço em discutir esta temática.

Nesse caminho, a educação é um processo essencial na formação intelectual e de personalidade do sujeito, embora se discuta que a escola ensina conteúdos e a família educa valores. Não dá para pensar o ensino escolar distante da formação pessoal do sujeito, pois a educação ensina a pensar, a criar, a pesquisar, a descobrir, enfim uma infinita possibilidade. De acordo com Chalita (2001, p. 11) “a educação não deve ser vista como um depósito de informações”. Ela precisa existir na cumplicidade entre querer ensinar, permitir aprender, uma troca contínua que envolve experiências, sonhos, ideias e amor (CHALITA, 2001). Ainda, Freire (2000) completa que educar deve ser “fascinante, comovente”, possibilitando a admiração e celebração da vida, notar sua beleza, sua complexidade e realidade totalmente interconectada, sinérgica, sincrônica, portanto viva e ativa.

Assim, a educação é permeada de sentimentos, cada qual pode se constituir numa qualidade própria para permitir a aprendizagem. Conforme Deleuze (2007), o que fascina acaba por interessar e, se interessa, pode despertar entusiasmo e paixão, e neste ponto, o ato de educar pode se tornar uma aventura e uma conjunção amorosa. O professor, então, ao estabelecer a conjunção amorosa é capaz de promover momentos inspiradores, provocando o prazer de aprender, a magia de inspirar mudanças, refletir, reescrever, criar, partilhar conhecimentos e sentimentos (MAGALHÃES, 2011). Dessa maneira, o sentimento está intimamente associado ao ensino e este pode ser positivo ou negativo (quando o sentimento é de raiva e medo). Em Morin (2002, p. 20),

De fato o sentimento, a raiva, o amor e a amizade podem nos cegar. Mas é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo no mundo humano, o desenvolvimento da intelectualidade é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais.

A importância da afetividade no desenvolvimento humano e na educação baseia-se no fato que este sentimento acompanha o ser humano desde o seu nascimento, sendo o afeto essencial para o desenvolvimento e o estabelecimento de boas relações

sociais (WALLON, 1975). Neste sentido, Wallon (1975) destaca ainda que a afetividade e a inteligência são um par inseparável presente no desenvolvimento humano. O ser humano é afetivo desde o momento da concepção, já na barriga da mãe a criança é envolvida por sentimentos de segurança e carinho. Desse modo, a afetividade faz parte do sujeito da sua interação e por meio dele socializa com o espaço e com os outros e desenvolve habilidades cognitivas e intelectuais. Como afirma Rossini (2012, p.9-10),

Ela “está” em nós como uma fonte geradora de potência, de energia [...] a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal – é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade.

Na interação entre afeto e aprendizado Piaget (1975, p. 265) reforça “(...) afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes”. Colaboram com essas afirmações, Leite e Tassoni, (2000, p. 9-10),

[...] a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se se pressupor que a interação que ocorre no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constrói como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os diversos objetos do conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Neste ponto, “Conversar com o aluno fora da sala de aula, conhecer seus planos e desejos, interessar-se pela sua vida, ser seu amigo, são aspectos muito importantes na relação, e que podem despertar no aluno a vontade de ficar perto do professor e aprender” (FROZZA, 2007, p.29). Claro que isto não significa que o professor deve ficar de abraços e beijos, não corrigi-lo e dar-lhe limites. Para Magalhães (2011, p.169), “A forma de a afetividade facilitadora se expressar no processo ensino-aprendizagem também exige a existência, a colocação de limites. Tais limites podem facilitar o processo ensino-aprendizagem [...]”. Logo, a afetividade e a imposição de limites são peças de um mesmo sistema, porque “os limites também são uma expressão de afetividade” (MAGALHÃES, 2011, p.169).

Portanto, impor limites, preocupar-se com o educando, mostrar empatia, abrir-se ao diálogo mostrará ao aluno que ele pode contar com o professor e isto lhe aproxima do mesmo e da disciplina lecionada, ou menos da aprendizagem como um todo. Assim, pensa Frozza (2007, p.97), “O afeto não só do contato físico, abraçar, pegar na mão, tocar o ombro, mas o afeto de olhar, das palavras, do cumprimentar. O afeto da disciplina e do silêncio quando necessário”. Logo, o afeto é indispensável ao aprendizado, pois serve de facilitador do processo (FERNANDEZ, 1991).

Uma criança não aprende apenas com a interação com o conteúdo, mas, sobretudo, com o meio, com os colegas e com os professores. Um aluno aprenderá participando da escola e para isto ele precisa se sentir respeitado, inserido no espaço, e um dos caminhos é por meio da afetividade, da vivência com o professor e comunidade escolar. Como explica Souza (2016, p.5), “Não é demais afirmar que a afetividade é essencial nas relações humanas, sendo o educando um sujeito em processo de formação, necessitando assim de um ambiente escolar agradável e propício a essa construção”.

Além disso, muitos alunos não têm um abraço em casa, na família, pois os pais não conversam, não tem tempo e nem amor. Contudo, a escola torna-se o espaço que pode compensar parte deste desafeto e invisibilidade diária. Ainda, a escola é o segundo lar do aluno e muitos deles convivem mais com os colegas e professores que com suas famílias, portanto, as necessidades mundanas dos educandos precisam ser vistas pelos profissionais escolares, para que o grau de desafetividade do discente não atrapalhe a aula e nem sua aprendizagem.

O afeto é como uma corrente elétrica coloca energia no ensino, acende aquela luz do conhecimento, do prazer e querer saber. Tão mais prazeroso é aprender com aquele professor que encanta e/ou fascina, ou simplesmente que o aluno tem afinidade, gosta. Agora aquele professor rígido que não mostra os dentes, em sala de aula, pode até dominar o conteúdo, mas desmotiva, faz o discente ter medo, receio e desprazer em participar da aula. Todo aluno acaba gostando mais da disciplina pela facilidade e também pelo mestre. Sem querer o docente é responsável por conduzir a disciplina e esta articulação é perceptível na hora de elencar-se a área de ensino que mais se

identificam as crianças e os adolescentes. Sobre este assunto, Novikoff e Cavalcanti (2015, p.101) concluem,

Há sempre uma paixão por um professor, por uma disciplina, por um livro. Estudar não começa na mente, começa na pele. Estudar é enamorar-se, não é uma descoberta por afinidade, nem feita de boa vontade; depende de um encontro com alguma coisa que nos force a pensar, precisa ser produzido, conquistado, desejado em uma sala de aula.

Por isso, saber ouvir e conversar com o alunado é primordial, o primeiro passo para o sucesso educacional. Porque “há muitas formas de transmissão de conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor” (CHALITA, 2001, p.11). Certamente o professor que mais marca o aluno é também aquele que o alimentou sentimentos nobres e amorosos. Assim, “O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor malamado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca” (FREIRE, 1996, p. 73).

Segundo Korzenievski e Karpinski, (2019, p. 4), “O sentimento de afeto como agente educacional, estabelece através das interações desenvolvidas entre o professor e o aluno, tendo como pontos principais o respeito, diálogo, a confiança, a motivação”. Para Rossini (2012, p.10), “A afetividade denomina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal – é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade”. Logo, o ensino acontece permeado pela escuta e interação professor – aluno.

No livro infantil, “A Professora Encantadora” de Márcio Vassallo, também a aparece a afetividade como ponto central do ensino, cuja professora aparece como aquela que ensinava a diminuir os medos, a multiplicar poesia do pensamento, que ensina a voar, a ter asas na imaginação, a suspirar pela beleza da vida (VASSALLO, 2010). Assim, o docente tem que ensinar para vida, não apenas segredos de teorias e conteúdo, instigando a capacidade de observação e criatividade do aluno.

Contudo, a educação deve garantir a afetividade, principalmente, em um momento histórico, onde a educação do Brasil anda esmorecida, cujo professor

encontra-se desprestigiado e as salas de aula envoltas pelo distanciamento social. O ensino anda perdendo o espaço para outras formas de transmissão do conhecimento, tendo um dos motivos deste a qualidade da educação, pois ela encontra-se como um ato mecânico, como uma transmissão de conteúdos, e não como um ato de ensino. As aulas em muitos casos são vistas por aulas teóricas de decoreba, sem contextualização com a realidade do aluno, aulas que não permitem a dinamicidade dos alunos e da relação entre os sujeitos, além do fato do mestre pouco olhar para os seus educandos. Nesta linha, sugere Rossini (2012, p. 10) “vamos investir na afetividade como uma saída para um futuro melhor, mais justo, mais humano”.

Além disso, a afetividade é importante, para que o trabalho docente não seja uma tarefa árdua, e para que o convívio tanto do professor como do aluno não seja vulnerável, dentro e fora da sala de aula. Assim, Meira e Pilloto (2010, p.33) acrescentam, “A educação precisa do afeto e da criação para de fato consolidar - se como espaço-lugar de encontros significativos que nos ajudem na árdua e extraordinária trajetória da vida”. A afetividade deixa a vida educacional mais leve, mas fácil, com sentido, não só de ensinar e aprender, mas de formar cidadãos, seres humanos.

Neste sentido, a própria formação do professor encontra mascarada por teorias e uma construção de um docente crítico e pouco relacional. Daí reside a preocupação atual que tem aparecido em alguns estudos referenciando o problema da formação relacional dos professores (as), principalmente, no que tange as questões centradas na importância da afetividade e da sensibilidade presentes na relação pedagógica (LUCKESI, 1984). Sabe-se que é difícil ao educador relacionar-se com todos os alunos, especialmente quando sua jornada de trabalho impõe um ritmo de entra e sai de turmas, com 30 a 40 alunos com perspectivas de mundo e limitações diferentes. Assim, o professor pouco conhece os seus alunos na verdade. Mas, é fundamental pensar uma nova conduta na educação, aquela que estabeleça uma relação de afeto entre professor-aluno.

Realmente o afeto é o tempero que falta na educação, tanto de crianças, adolescentes ou adultos. E para ressaltar esta visão Chalita (2001) vai além dizendo que o afeto é como um banquete que permanecerá para sempre na memória dos

aprendizes, como uma refeição indispensável ao seu crescimento e à aventura diária da vida. É por meio do amor, do afeto que se prepara o ser para vida, solidariedade, cooperação, igualdade, e porque não para o conhecimento (CHALITA, 2001). Desse modo, Pereira (2015, p. 35139) complementa,

É perceptível que criar relações afetivas com os alunos colabora para uma aprendizagem mais significativa. Primeiramente há uma propensão maior na receptividade com que o aluno concebe o conteúdo ministrado pelo professor. Além disto, estabelecida estas relações, há uma inferência na motivação intrínseca do aluno para a aquisição do conhecimento.

Evidentemente, “sem afetividade poderá não haver aprendizagem, pois ambas estão interligadas. É preciso entender que o afeto está relacionado às emoções, [...] e o aprender está relacionado ao processo de aquisição de saberes” (SOUZA, 2016, p.19). Portanto, não é possível pensar o processo de ensino – aprendizado se este não for regado a bons sentimentos e emoções, para assim facilitar o processo e transformar a vida do educador – educando.

A GEOGRAFIA ESCOLAR PODE SER MAIS AFETIVA?

A Geografia educa para vida, faz o aluno confrontar suas afirmações sobre o mundo. É a ciência que estuda os espaços e ao relacionar o mesmo ao afeto tem-se uma atmosfera educacional motivadora e interativa da relação sociedade e espaço. A Geografia não pode, então, desprezar a afetividade, ainda mais quando as emoções são sentidas no espaço. Segundo Moreti (2019, p.145),

[...] pensar o espaço geográfico sobre esse prisma nos permite refletir sobre as diferenças em ação que constroem e reconstroem o espaço, nos permite pensar as diversidades e as relações de poder presentes, o que envolve tanto as relações entre pessoas quanto as relações destas com os objetos materiais disponíveis, integração que produz movimento, ação reacionária e mudança.

Não é somente neste viés que a Geografia pode se utilizar do afeto. A ciência geografia é uma disciplina humana e lidar com esta humanidade requer do professor uma sabedoria de construir com seus alunos um mundo novo. Para isto, a afetividade é

importante, pois se pensar o espaço, o meio ambiente e a sociedade com um olhar aberto, quando se senti e se vive a Geografia. E, neste contexto, o professor deve ser afetivo, empático com seus educandos, buscando valorizar a sua realidade de vida, as suas experiências e expectativas, a sua composição de vida. Isto, também é Geografia.

No entanto, vê-se que esta temática é pouco discutida dentro do ensino de Geografia, que se fundamenta no concreto e no físico das coisas geográficas. Porém, os professores de Geografia têm que conduzirem uma discussão para que avance as paredes da sala de aula, do conhecimento, que proporcione o conhecimento pondo o aluno com ser dinâmico e refletivo.

Por conseguinte, a Geografia escolar é vista, muitas vezes, como uma disciplina massante. Conforme Kaercher (2002, p.49), a Geografia escolar precisa “[...] romper com a visão cristalizada e monótona da geografia como a ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares”. Uma ciência escolar onde o livro didático é o único meio, ou o principal condutor das aprendizagens, não interessa os alunos, não propõe a criatividade, a afetividade e autenticidade do aluno. Ademais, o professor nem sempre é um motivador de ideias e conhecimento, pois não sabe ser afetivo com a Geografia e os alunos.

Sem dúvidas, se o ensino da Geografia fosse conduzido com mais amorosidade, quem sabe a Geografia se torna-se uma ciência mais agradável de ser trabalhada, estudada e aprendida em sala de aula, pelos alunos. Acredita-se que a essência da docência esta na forma de conduzir o processo de ensino, e quando o olhar se volta para o aluno, o aprender ganha outro impulso, sai daquela caixinha mágica e atinge um grau de surpresa de descobrimento.

Como aprender Geografia se a relação do professor e aluno não passa de mero discurso teórico e se a vida não se esbarra na aula?. Afinal, o professor não atrai para o conhecimento, pois é um sujeito que impõem tarefas e leituras ao livro didático, que frequentemente aparece de bom humor, pois está envolvido com seus cadernos de chamadas, sua excessiva jornada de trabalho, ou mesmo porque foi instruído a não dão vez ao aluno, para que este fique sentado quietinho na aula. Impossível um aluno se apaixonar por Geografia dessa maneira.

A Geografia vira fascinante quando o mestre aparece com recursos didáticos, com histórias reais, com uma atmosfera de sentimentos e emoções ao contar os assuntos geográficos e explicar os fenômenos geográficos, ou quando o professor invade o mundo do aluno, trazendo ele para o ensino. Um aluno que gosta de hip hop, por exemplo, é motivado quando o professor vem cantando, olha para este universo e propõe a criação de uma música, e/ou um vídeo clip pelos discentes sobre o assunto trabalhado na disciplina. Ainda, quando o aluno contador de piadas da turma, ganha espaço na aula para mostrar seu talento ele torna-se mais apaixonado pelo ensino. Porém, muitas vezes, os contadores de piadas acabam indo parar no banco da diretoria, porque atrapalharam a aula. Mas, não seria mais fácil, propor que ele venha expor uma piada geográfica para os colegas, ora se ele não sabe procurará uma que tenham haver, ou seja, desafie-o a participar da aula.

Saber dialogar com o aluno é preciso, vive-se um momento onde os alunos são imperativos, são curiosos e necessita um apontamento de cumplicidade com o professor, uma relação de confiança e verdade com o mestre. Mas, para isto, o docente tem que buscar uma proximidade com os alunos, tratando os mesmos também a partir da sua personalidade. Pois, se o mais interativo está compenetrado em desenvolver tarefas ela ele não atrapalha. Porém, atrapalhar a aula é possível? Sim é. Muitas vezes, o aluno curioso, perguntativo, participativo, e com pouco espaço na aula pode ser considerado um atrapalhador também, pois faz o professor sair de seu ritmo diário, assim como tira a atenção de seus colegas. O aluno que não é visto na aula acaba por chamar a atenção de forma a atrapalhar a sala.

Neste ponto, a afetividade e o autoconhecimento da turma, podem contribuir para conduzir o aprendizado Geográfico. Quem sabe no final da aula pode haver uma roda de conversas sobre a mesma, cujos alunos podem trazer de casa a suas curiosidades e descobertas para partilhar com a turma. Criam-se momentos a parte, elege-se os alunos mais interativos e desmotivados como líderes e auxiliares da turma, pois se torna uma maneira de cativá-los, mostrando que o professor acredita nele, no seu potencial. Assim, a Geografia escolar caminha para uma afetividade crítica dos sujeitos – alunos. A arte do ensino é como cultivar uma planta, tem-se que regar

diariamente, elogiar, cuidar, atender as necessidades, conversar, assim é com o aluno, é uma plantinha em sala de aula que requer atenção. Dessa maneira, Reffatti e Rego (2008, p. 38) reiteram que,

A escola, espaço privilegiado para educar a intersubjetividade, pode ser também o espaço onde a geografia supera a disciplinaridade coisificante para se converter na produção de saberes que façam da transformação do espaço vivido o objeto catalisador de pensamentos e ações dos educandos.

A Geografia a partir da vivência dos alunos, do estudo do meio também acaba por se aproximar dos educandos de forma afetiva, pois valoriza o pensamento e impulsiona o pensar crítico. Desse modo, Rego, et. al. (2003) destaca que a geografia pode ser compreendida e trabalhada numa perspectiva de análise do local. Um ensino intermediado pelas as referências e observações dos alunos acerca do lugar de vivência para que o mesmo possa formalizar outros conceitos e conteúdos geográficos (CASTELAR, 2000). Em suma, é importante que o professor saiba conduzir os estudos e diálogos com um gesto de atenção ao que é essencial do lugar e prestando atenção na necessidade do aluno de aprender e ser entendido.

Além disso, a afetividade na Geografia pode conduzir ao confronto da desigualdade e inclusão social dos alunos, principalmente quando se formam sujeitos conscientes e humanizados. Para Calori e Pereira (2011, p.14-15), “O ensino de geografia tem como papel resgatar identidade, fomentar criatividade, colaborar na construção de personalidades equilibradas, capazes de atuar em diversos espaços da sociedade”. É fundamental trabalhar a Geografia para as relações de igualdade e superação de preconceitos, já que as turmas são diversificadas, com os alunos de gênero, raça e etnia diferente.

Em tempos de pandemia, por exemplo, com a Pandemia do COVID-19 o professor também precisa ser sentimental e solidário ao distanciamento dos alunos e se mostrar presente por meio de mensagens, vídeos gravados, fotos de motivação, porque é um momento novo e atípico. E a Geografia pode ser levada aos alunos de uma forma mais interativa, com vídeos e jogos educativos, com gravações intermitentes da contextualização dos acontecimentos atuais. É pensar a Geografia para além da sala de aula, mas com suporte na empatia ao aluno e ao seu entendimento de mundo na

pandemia. Neste quadro, observa-se na mídia que muitas escolas e professores tem feito isto, a fim de aproximar a comunidade escolar e dar suporte ao aluno no processo de aprendizagem. Logo, os grupos de whatsapp e as lives vêm superar um pouco desta distância mortal dos seres humanos. Isto demonstra que o docente também tem que articular tecnologia, ensino e diálogo.

Portanto, a Geografia é uma disciplina escolar de certa forma afetiva, pois traz uma ampliação do olhar de mundo, do cotidiano, do vivido e das relações sociais. Destarte, a afetividade escolar também tem que ser uma ação da turma e do professor, quando ambos estão unidos, dialogando numa mesma sintonia é mais produtivo o aprendizado. E os docentes têm a grande tarefa de educar a Geografia por meio do amor, já que como foram tratados antes, os dois elementos estão interligados: afeto e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação abre portas para o aprendizado, para uma leitura do mundo e dos sentidos. Mas, para educar não basta apenas transferir conteúdos aos alunos, e sim colocá-los em contato com o outro, com o conteúdo, permitindo a construção do conhecimento. Pondera Kant (1999, p.28), “a educação e a instrução não devem ser puramente mecânicas”, “[...] não é suficiente treinar as crianças; urge que aprendam a pensar” (KANT, 1999, p. 27), num ensino ancorado em práticas pedagógicas reais. Assim, supõe-se que a educação permeia o lúdico, o vivido e o experienciado pelo educando, sua expectativa e sua emoção.

Desta forma, não é possível ensinar sem afeto, pois a compreensão, a cumplicidade, os sentimentos e a própria valorização do educando serve de janela para a aprendizagem. Ninguém aprende se não tem vontade, se não tem incentivo, se não suporta o seu mestre. Não há aprendizagem sem admiração, sem amorosidade, pois o ser humano precisa de amor para sua essência de vida, é a força motriz de sua existência e de seu realismo para o mundo.

Então, “ensinar exige respeito à autonomia do ser” (FREIRE, 2000, p. 46) e respeito ao ser como um todo, pois os alunos apresentam suas limitações, suas necessidades interativas que, em alguns casos atrapalham o andamento da aula e precisam ser resolvidas pelo diálogo e pela orientação do educador em buscar uma maneira que valorize o aluno, mas não interrompa o processo educacional. O professor deve acreditar num futuro melhor, protagonizado pelos seus educandos. Assim, existem verbos, tais quais: acreditar, ouvir, dialogar, incentivar, enxergar, inspirar e conduzir que formam o sentido da afetividade na educação. Um docente completo precisa reunir estes verbos. Enfim, afeto não são somente abraços, e sim transmitir sentimentos e emoções que motive e desperte o melhor do aluno e o seu aprender.

Neste percurso, a Geografia, enquanto disciplina escolar tem a tarefa de instigar o aluno a ampliar seu olhar, a reconhecer as relações e acontecimentos cotidianos, diagnosticar a relação sociedade e natureza e o lugar de vida. E, diante disso, criar no educando uma empatia com o outro, com o meio a partir da lente de afeto do professor, que cria caminhos para o aprofundamento intelectual e cidadão.

O professor de Geografia através da afetividade pode inspirar os alunos a contribuam para uma aula mais criativa, participativa e reflexiva, para que a disciplina, não seja apenas uma prestação de leituras e tarefas, mas uma abordagem prática e dinâmica da concretude das relações humanas e espaciais. Então, os professores, sobretudo, os de Geografia tem um desafio de unir a afetividade ao ensinamento, buscando sempre valorizar as experiências dos discentes e seus pontos de certezas e incertezas.

Contudo, saber ouvir e dialogar é um dos grandes eixos da educação e da Geografia, e torna-se, cada vez mais, importante em tempos, cujo outro é desprestigiado na sociedade e no sistema capitalista, ou mesmo as comunicações vem fornecer outros suportes ao ensino, reforça-se a importância que a educação apresenta, pois a aprendizagem necessita de interação física, de vivências e de trocas sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

- CALORI, J.; PEREIRA, P. S. **Geografia e a utilização dos recursos didáticos**. 29 f. 2011. Monografia (Graduado em Geografia)- Universidade Federal de Alfenas, Alfenas – MG, 2011.
- CASTELAR, S. M. V. A Alfabetização em geografia. **Espaços da Escola**. Ijuí, v.10, n.37, p. 29-46, jul./set. 2000.
- CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Ed. Gente, 2001. 272 p.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- DELEUZE, G. **Francis Bacon**: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 183p.
- FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREITAS, G. de; PEREIRA, P. C.; CALHEIROS, JÚNIOR, S. L. Afeto, emoção e educação na infância e juventude para a formação sólida do homem socialmente competente. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. VII., 2013, Uberaba. **Anais...** Universidade de Uberaba, 21-25 de out. de 2013.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 22.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FROZZA, I. **Aprendizagem e Afetividade**: um encontro de sucesso na escola. 108f. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba-SC, 2007.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KAERCHER, N. A. A geografia crítica – alguns obstáculos e questões a enfrentar no ensino aprendizagem de geografia. **Boletim gaúcho de geografia**. Porto Alegre: AGB, n. 28, jan./jun. 2002.
- KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1999.
- KORZENIEVSKI, C.; KARPINSKI, D. In: A CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, VI., 2019.Fortaleza – CE. **Anais...** Fortaleza, 24 a 26 de out. de 2019. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV127_MD1_SA18_ID13904_26092019180929.pdf.

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. 2000. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: 30 de abr. de 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação Educacional Escolar**: para além do autoritarismo. *Tecnologia Educacional*, no. 61, Nov-Dez, 6-15, 1984.

MAGALHÃES, S. S. O. Afetar e sensibilizar na educação: uma proposta transdisciplinar. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 32, p. 163-181, jan./abr. 2011.

MEIRA, M. R.; PILLOTTO, S. S. D. **Arte, Afeto e Educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Ponto Alegre: Mediação, 2010.

MORETI, N. M. T. Espaço escolar e geografia dos afetos: paredes ou pontes atmosféricas?. **Revista Geografia em Atos**, Presidente Prudente, n. 12, v. 5, p. 135- 147, jul/2019.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

NOVIKOFF, C.; CAVALCANTI, M. A. de P. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, set./dez. 2015.

PEREIRA, I. da S. D. Relações afetivas construídas em projeto interdisciplinar colaborando para aprendizagens mais significativas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XII., Curitiba, 2015. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 26 a 29 de out. de 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19842_7923.pdf.

PIAGET, J. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia Afetiva**. 13ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

REFATTI, L.; REGO, N. Geração de ambiências, relações entre educação e geografia. **Pátio Revista Pedagógica**, Porto Alegre, n. 45, p.38-39, fev./abr. 2008.

REGO, N. et. al. **Um pouco do mundo cabe nas mãos**: Geografizando em Educação o local e o global. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 310p.

SOUZA, A. de O. **Afetividade e aprendizagem na percepção dos docentes do ensino fundamental**. 31f. 2016. Monografia (Bacharel em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

VASSALLO, M. **A professora encantadora**. 1ª ed. Belo Horizonte-MG: Abacatte editorial, 2010. 24p. (Ilustração de Ana Terra).

Vanessa Manfio - Possui Graduação em Geografia Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestrado em Geografia, também pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS com estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Portugal, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). Além disso, trabalhou como tutora no curso de Geografia Licenciatura à Distância da Rede Gaúcha de Ensino Superior a Distância - REGESD/ Universidade Federal de Santa Maria, exerceu o magistério na rede estadual entre 2011 e 2014 e professora Substituta de Geografia do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Ibirubá - RS. Atualmente, membro do Grupo de pesquisas Núcleo de Estudos Agrários (NEAG) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Professora de Geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Cândida Zasso, da Rede Municipal de Nova Palma-RS. Área de Pesquisa: Geografia Humana, ênfase em estudos: urbanos, agrários, culturais, econômicos, metodologia da pesquisa geográfica e ensino de geografia.

Recebido para publicação em 18 de Maio de 2020.

Aceito para publicação em 22 de Dezembro de 2020.

Publicado em 02 de Fevereiro de 2021.